



Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Ciências Humanas e Naturais - CCHN

Projeto Pedagógico de Curso
História - Licenciatura - Noturno

Ano Versão: 2018

Situação: Corrente



SUMÁRIO

Identificação do Curso	3
Histórico	4
Concepção do Curso	6
Contextualização do Curso	6
Objetivos Gerais do Curso	6
Objetivos Específicos	6
Metodologia	6
Perfil do Egresso	6
Organização Curricular	7
Concepção da Organização Curricular	7
Estrutura do Currículo	7
Quadro Resumo da Organização Curricular	7
Atividades Complementares	8
Equivalências	8
Currículo do Curso	8
Pesquisa e extensão no curso	21
Auto Avaliação do Curso	23
Acompanhamento e Apoio ao Estudante	24
Acompanhamento do Egresso	25
Normas para estágio obrigatório e não obrigatório	26
Normas para atividades complementares	27
Normas para laboratórios de formação geral e específica	28
Normas para trabalho de conclusão de curso	29
Administração Acadêmica	30
Coordenação do Curso	30
Colegiado do Curso	30
Núcleo Docente Estruturante (NDE)	30
Corpo docente	31
Perfil Docente	31
Formação Continuada dos Docentes	31
Infraestrutura	32
Instalações Gerais do Campus	32
Instalações Gerais do Centro	32
Acessibilidade para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais	32
Instalações Requeridas para o Curso	32
Biblioteca e Acervo Geral e Específico	32
Laboratórios de Formação Geral	32
Laboratórios de Formação Específica	32
Observações	33
Referências	34



IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Nome do Curso

História - Licenciatura - Noturno

Código do Curso

664 L

Modalidade

Licenciatura

Grau do Curso

Licenciado Pleno em História

Nome do Diploma**Turno**

Noturno

Duração Mínima do Curso

9

Duração Máxima do Curso

13

Área de Conhecimento

CIÊNCIAS HUMANAS

Regime Acadêmico

Não seriado

Processo Seletivo

Verão

Entrada

Anual

HISTÓRICO

Histórico da UFES

Transcorria a década de 30 do século passado. Alguns cursos superiores criados em Vitória pela iniciativa privada deram ao estudante capixaba a possibilidade de fazer, pela primeira vez, os seus estudos sem sair da própria terra. Desses cursos, três - Odontologia, Direito e Educação Física - sobrevivem na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Os ramos frágeis dos cafeeiros não eram mais capazes de dar ao Espírito Santo o dinamismo que se observava nos Estados vizinhos.

O então governador Jones dos Santos Neves via na educação superior um instrumento capaz de apressar as mudanças, e imaginou a união das instituições de ensino, dispersas, em uma universidade. Como ato final desse processo nasceu a Universidade do Espírito Santo, mantida e administrada pelo governo do Estado. Era o dia 5 de maio de 1954.

A pressa do então deputado Dirceu Cardoso, atravessando a noite em correria a Esplanada dos Ministérios com um processo nas mãos era o retrato da urgência do Espírito Santo. A Universidade Estadual, um projeto ambicioso, mas de manutenção difícil, se transformava numa instituição federal. Foi o último ato administrativo do presidente Juscelino Kubitschek, em 30 de janeiro de 1961. Para o Espírito Santo, um dos mais importantes.

A reforma universitária no final da década de 60, a ideologia do governo militar, a federalização da maioria das instituições de ensino superior do país e, no Espírito Santo, a dispersão física das unidades criaram uma nova situação. A concentração das escolas e faculdades num só lugar começou a ser pensada em 1962. Cinco anos depois o governo federal desapropriou um terreno no bairro de Goiabeiras, ao Norte da capital, pertencente ao Victoria Golf & Country Club, que a população conhecia como Fazenda dos Ingleses. O campus principal ocupa hoje uma área em torno de 1,5 milhão de metros quadrados.

A redemocratização do país foi escrita, em boa parte, dentro das universidades, onde a liberdade de pensamento e sua expressão desenvolveram estratégias de sobrevivência. A resistência à ditadura nos “anos de chumbo” e no período de retorno à democracia forjou, dentro da Ufes, lideranças que ainda hoje assumem postos de comando na vida pública e privada do Espírito Santo. A mobilização dos estudantes alcançou momentos distintos. No início, a fase heróica de passeatas, enfrentamento e prisões. Depois, a lenta reorganização para recuperar o rumo ideológico e a militância, perdidos durante o período de repressão.

Formadora de grande parte dos recursos humanos formados no Espírito Santo, ela avançou para o Sul, com a instalação de unidades acadêmicas em Alegre, Jerônimo Monteiro e São José do Calçado; e para o Norte, com a criação do Campus Universitário de São Mateus.

Não foi só a expansão geográfica. A Universidade saiu de seus muros e foi ao encontro de uma sociedade ansiosa por compartilhar conhecimento, ideias, projetos e experiências. As duas últimas décadas do milênio foram marcadas pela expansão das atividades de extensão, principalmente em meio a comunidades excluídas, e pela celebração de parcerias com o setor produtivo. Nos dois casos, ambos tinham a ganhar.

E, para a Ufes, uma conquista além e acima de qualquer medida: a construção de sua identidade.

A meta dos sonhadores lá da década de 50 se transformou em vitoriosa realidade. A Ufes consolidou-se como referência em educação superior de qualidade, conceituada nacionalmente. Nela estão cerca de 1.600 professores; 2.200 servidores técnicos; 20 mil alunos de graduação presencial e a distância, e 4 mil de pós-graduação. Possui 101 cursos de graduação, 58 mestrados e 26 doutorados, e desenvolve cerca de 700 programas de extensão na comunidade. Uma Universidade que, inspirada em seus idealizadores, insiste em não parar



de crescer. Porque é nela que mora o sonho dos brasileiros, e em especial dos capixabas.

Histórico do Centro

O Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) originou-se do antigo Centro de Estudos Gerais que, quando de sua formação, congregava alguns dos cursos que compõem hoje o CCHN e o Centro de Ciências Exatas (CCE).

Com a criação deste último, na década de 1990, no momento em que os cursos de química, física, matemática e estatística se desmembraram do Centro de Estudos Gerais, o CEG continuou a existir com este nome por alguns anos, vindo a transformar-se no que é hoje o CCHN em 2000.

Sua atual composição congrega as áreas de conhecimento das ciências humanas (Geografia, Filosofia, História, Ciências Sociais, Línguas e Letras, Psicologia) e das ciências naturais (Ciências Biológicas e Oceanografia). Alguns destes cursos são bastante antigos no Espírito Santo e, juntamente com os cursos das áreas de ciências exatas, compunham a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo - FAFI.

Com a criação da Universidade Federal do Espírito Santo, na década de 1950, tais cursos passaram a constituir o Centro de Estudos Gerais da UFES, de modo que o atual CCHN constitui-se como um dos maiores e mais ativos centros de ensino da UFES: abriga nove Departamentos, 8 cursos de bacharelado, 10 cursos de licenciatura, 11 mestrados e 8 doutorados. Fazem parte da comunidade acadêmica do CCHN cerca de 2643 discentes, 149 docentes, em sua maioria, doutores, e 64 servidores.

O CCHN possui uma área física adequada ao funcionamento dos seus diversos cursos (vide item "instalações gerais do Centro"), que abarcam salas de aula, laboratórios e núcleos de pesquisa, salas de docentes, bibliotecas setoriais, museus e setores administrativos. Dentre os vários projetos de extensão realizados no CCHN destacam-se o Núcleo de Ensino de Línguas para a Comunidade e o Núcleo de Psicologia Aplicada.

A variedade de áreas do conhecimento do CCHN faz deste centro um locus privilegiado da vivência interdisciplinar e do pensamento plural, realizando um dos principais sentidos da instituição Universidade.



CONCEPÇÃO DO CURSO

Contextualização do Curso

Objetivos Gerais do Curso

Objetivos Específicos

Metodologia

Perfil do Egresso

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Concepção da Organização Curricular

Quadro Resumo da Organização Curricular

Descrição	Previsto no PPC
Carga Horária Total	-
Carga Horária Obrigatória	-
Carga Horária Optativa	-
Carga Horária de Disciplinas de Caráter Pedagógico	-
Trabalho de Conclusão de Curso	-
Atividades Complementares	-
Estagio Supervisionado	-
Turno de Oferta	Noturno
Tempo Mínimo de Integralização	-
Tempo Máximo de Integralização	-
Carga Horária Mínima de Matrícula Semestral	120 horas
Carga Horária Máxima de Matrícula Semestral	540 horas
Número de Novos Ingressantes no 1º Semestre	-
Número de Novos Ingressantes no 2º Semestre	-
Número de Vagas de Ingressantes por Ano	-
Prática como Componente Curricular	-

Estrutura do Currículo

1º Período							
Departamento	Código	Nome da Disciplina	Cr	C.H.S	Distribuição T.E.L	Pré-Requisito	(Obrigatória ou Optativa)
Departamento de História - CCHN	HIS13104	História Antiga	4	60	60-0-0		Obrigatória
Departamento de História - CCHN	HIS13105	Teorias da História	4	60	60-0-0		Obrigatória
Departamento de Educação, Política e Sociedade - CE	EPS13106	Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação	4	60	60-0-0		Obrigatória
Departamento de Ciências Sociais - CCHN	CSO06024	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	4	60	60-0-0		Obrigatória
Departamento de História - CCHN	HIS13107	História da África	4	60	60-0-0		Obrigatória



2º Período							
Departamento	Código	Nome da Disciplina	Cr	C.H.S	Distribuição T.E.L	Pré-Requisito	(Obrigatória ou Optativa)
Departamento de História - CCHN	HIS13108	Historia Medieval	4	60	60-0-0		Obrigatória
Departamento de História - CCHN	HIS13109	Metodologias da História	4	60	60-0-0	Disciplina: HIS13105	Obrigatória
Departamento de História - CCHN	HIS13110	Prática e Pesquisa em Ensino de História Antiga e Medieval	4	105	30-75-0		Obrigatória
Departamento de Economia - CCJE	ECO13111	Introdução à Economia Política	4	60	60-0-0		Obrigatória
Departamento de Educação, Política e Sociedade - CE	EPS06025	POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	4	60	60-0-0		Obrigatória

Atividades Complementares

Equivalências

Currículo do Curso

Disciplina: HIS13104 - História Antiga

Ementa

Estudo das estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas das civilizações grega e romana de acordo com os seguintes aspectos: a) políticos. A pólis e a cosmopólis, os impérios macedônico e romano; b) econômicos. O modo de produção escravista e outras modalidades de trabalho dependente; c) sociais. Cidadãos, estrangeiros, aliados, escravos e mulheres; d) mentais. A religião privada e o culto público. As religiões de mistério. O culto imperial. Perspectivas historiográficas acerca das sociedades grega e romana.

Objetivos

- Compreender as linhas gerais de organização da sociedade grega antiga
- Compreender as linhas gerais de organização da sociedade helenística
- Compreender as linhas gerais de organização da sociedade romana antiga
- Identificar as principais correntes historiográficas para o estudo da Antiguidade
- Identificar as principais contribuições da Civilização Clássica para o mundo contemporâneo

Bibliografia Básica

UNIDADE I: A CIVILIZAÇÃO GREGA

- VERNANT, J. P. As origens do pensamento grego . Rio de Janeiro: Difel, 2003, p. 13-51.
FINLEY, M. O mundo de Ulisses . Lisboa: Presença, 1988, p. 49-102.
JONES, P. O mundo de Atenas . São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 201-249.
VERNANT, J. P. A Questão Mitológica; A longa vida dos deuses gregos e Cosmogonia. In: Entre Mito e Política . São Paulo : Edusp, 2002, p. 229-253.

UNIDADE II: O MUNDO HELENÍSTICO

- GABRECHT, A. P. A Hélade em crise . In: SILVA, G. V. (Org.) Grécia, Roma e o Oriente . Vitória: Flor & Cultura, 2009, p. 11-36.
SILVA, G. V. Economia, sociedade e cultura na época helenística. In: SILVA, G. V. (Org.) Grécia, Roma e o Oriente . Vitória: Flor & Cultura, 2009, p. 69-100.

UNIDADE III: A CIVILIZAÇÃO ROMANA

- GRIMAL, P. História de Roma . São Paulo: Editora Unesp, 2011.
CORASSIN, M. L. Sociedade e política na Roma Antiga . São Paulo: Atual, 2001, p. 19-62.
SILVA, E. C. M. A helenização de Roma: convergências e impasses. In: SILVA, G. V. (Org.) Grécia, Roma e o Oriente . Vitória: Flor & Cultura, 2009, p. 139-164.
MENDES, N. M. O sistema político do Principado. In: SILVA, G. V & MENDES, N. M. (Org.) Repensando o Império Romano . Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/Edufes, 2006.
SILVA, G. V. & MENDES, N. M. Diocleciano e Constantino: a construção do Dominato . In: SILVA, G. V. da & MENDES, N. M. (Org.) Repensando o Império Romano . Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/Edufes, 2006, p. 193-221.
SILVA, G. V. da. A relação Estado/Igreja no Império Romano. In: SILVA, G. V. da & MENDES, N. M. (Org.) Repensando o Império Romano . Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/Edufes, 2006, p. 241-66.

Bibliografia Complementar

- ALFOLDY, G. A história social de Roma . Lisboa: Presença, 1989.
ARAUJO, S. R. et al. (Org.) Intelectuais, poder e política na Roma Antiga . Rio de Janeiro: Nau, 2010.
BROWN, P. O fim do mundo clássico . Lisboa: Verbo, 1972.
BROWN, P. Corpo e sociedade . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
CARDOSO, C. F. S. A cidade-Estado antiga . São Paulo: Ática, 1985.
CARDOSO, C. F. S. Trabalho compulsório na Antiguidade . Rio de Janeiro: Graal, 1984.
CASSIN, B. Gregos, bárbaros e estrangeiros . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
COCHRANE, C. N. Cristianismo e cultura clássica . Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1983.
CORASSIN, M. L. A reforma agrária na Roma antiga . São Paulo: Brasiliense, 1988.
CORASSIN, M. L. Sociedade e política na Roma antiga . São Paulo: Atual, 2001.
FERRILL, A. A queda do Império Romano . Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
FINLEY, M. A economia antiga. Porto: Afrontamento, 1986.



- FINLEY, M. A política no Mundo Antigo . Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- FINLEY, M. Grécia primitiva : Idade do Bronze e Idade Arcaica. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FINLEY, M. História Antiga : testemunhos e modelos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FINLEY, M. Economia e sociedade na Grécia antiga . São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FINLEY, M. Os gregos antigos . Lisboa: Ed. 70, 1988.
- FINLEY, M. Escravidão antiga e ideologia moderna . Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- FINLEY, M. Uso e abuso da história . São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FINLEY, M. Democracia antiga e moderna . Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FINLEY, M. (Org.) O legado da Grécia ; uma nova avaliação. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- FLORENZANO, M. B. B. O mundo antigo : economia e sociedade. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FLORENZANO, M. B. B. Nascer, viver e morrer na Grécia antiga . São Paulo: Atual, 1996.
- FRIGHETTO, R. Cultura e poder na Antigüidade Tardia Ocidental . Curitiba: Juruá, 2000.
- FUNARI, P. P. A. Grécia e Roma . São Paulo: Contexto, 1991.
- FUNARI, P. P. A. A Cidadania entre os romanos. In: PINSKY, J. & PINSKY, C. B. (Org.) História da cidadania . São Paulo: Contexto, 2003, p. 49-79.
- FUNARI, P. P. A. Cultura popular na Antigüidade Clássica . São Paulo: Contexto, 1989.
- FUNARI, P. P.; SILVA, M. A. (Org.) Política e identidades no Mundo Antigo . São Paulo: Annablume, 2009.
- FUNARI, P. P. et al. (Org.) História antiga : contribuições brasileiras. São Paulo: Annablume, 2008.
- GRIMAL, P. O Império Romano . Lisboa: Ed. 70, 1999.
- GRIMAL, P. O século de Augusto . Lisboa: Ed. 70, 2008.
- GRIMAL, P. História de Roma . São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- GUARINELLO, N. Cidades-estado na Antigüidade Clássica. In: PINSKY, J. & PINSKY, C. B. (Org.) História da cidadania . São Paulo: Contexto, 2003, p. 29-47.
- GUARINELLO, N. Imperialismo Greco-romano . São Paulo: Ática, 1994.
- HARTOG, F. Memória de Ulisses : narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga. Trad.: Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- JAEGER, W. Paideia : a formação do homem grego . São Paulo: Martins Fontes , 2001.
- LESKY, A. A tragédia grega . São Paulo: Perspectiva, 2001.
- LOT, F. O fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média . Lisboa: Ed. 70, 1985.
- MAZZARINO, S. O fim do Mundo Antigo . São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MENDES, N. M. Sistema político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- MOSSÉ, C. A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo . Lisboa: Ed. 70, 1989.
- MOSSÉ, C. Atenas, a história de uma democracia . Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1997.
- MOSSÉ, C. O cidadão na Grécia antiga . Lisboa: Ed. 70, 1999.
- MOSSÉ, C. Alexandre, o Grande . São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- ROSA, C. B. et al. (Org.) A busca do antigo . Rio de Janeiro: Nau, 2011.
- ROSTOVTZEFF, M. História de Roma . Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- VERNANT, J. P. El individuo, la muerte y el amor en la Antigua Grecia . Barcelona: Paidós, 2001.
- VERNANT, J. P. As origens do pensamento grego . Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- VERNANT, J. P. Entre mito e política . São Paulo: Edusp, 2002.
- VERNANT, J. P. Mito e religião na Grécia antiga . Campinas: Papirus, 1992.
- VERNANT, J. P. Mito e sociedade na Grécia antiga . Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- VERNANT, J. P. Mito & pensamento entre os gregos . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- VERNANT, J. P. O homem grego . Lisboa: Presença, 1994.
- VERNANT, J. P. & NAQUET, P. V. Trabalho e escravidão na Grécia antiga . Campinas: Papirus, 1989.
- VEYNE, P. A sociedade romana . Lisboa: Ed. 70, 1993.
- VEYNE, P. Acreditaram os gregos em seus mitos? Lisboa: Ed. 70, 1983.
- VEYNE, P. Sexo e poder em Roma . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VIDAL-NAQUET, P. Os gregos, os historiadores, a democracia . São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- VIDAL-NAQUET, P. O mundo de Homero . São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Disciplina: HIS13105 - Teorias da História

Ementa

O debate epistemológico em torno do estatuto científico da História; definições de História; "evolução" do conhecimento histórico; tempo histórico: temporalidade e historicidade; os campos da Teoria da História; Fontes e documentos na construção do conhecimento histórico; a relação passado-presente-futuro; o passado como um problema ontológico; aspectos básicos das escolas de pensamento: Escola Metódica francesa, Historicismo, Marxismo, Annales e Narrativismo.

Objetivos

Discutir diferentes concepções de história no senso comum e no universo dos saberes; Capacitar os alunos a compreender alguns dos principais instrumentos teóricos das correntes mais importantes da História em relação à análise documental e à abordagem historiográfica; Exercitar os alunos no reconhecimento dos instrumentos citados a partir de exemplos da bibliografia existente; Compreender o sentido, vantagens e limitações dos instrumentais teóricos constantes do programa; Identificar e problematizar diferentes tipos de fontes históricas; Analisar o processo de transformação do documento em monumento; Explicitar a crítica histórico-documental.

Bibliografia Básica

BLOCH, Marc. Apologia da história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia da história. Rio de Janeiro: Câmpus, 1997.
LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed.Unicamp, 1994.
PROST, Antoine. Doze lições sobre a história. São Paulo: Autêntica, 2008.
REIS, José Carlos. História & teoria. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Bibliografia Complementar

ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa histórica. Bauru: Edusc, 2004.
BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. As escolas históricas. Lisboa: Europa-América, 1987.
BURKE, Peter. A escola dos Annales. São Paulo: Unesp, 1990.
CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
COLLINGWOOD, R. G. Idéia de La história. México: Fondo de Cultura Econômica, 1989.
DOSSE, François. A história à prova do tempo. São Paulo: Edunesp, 2000.
DROYSEN, Johann G. Manual de teoria da História. Petrópolis: Vozes, 2009.
FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
FREITAS, Marcos (org). Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1996.
GARDINER, Patrick. Teorias da história. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.
GAY, Peter. O estilo na história. Gibson, Ranke, Macaulay e Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
HARTOG, François. O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
HUNT, Lynn (org). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
JULIA, Dominique & BOUTIER, Jean. Passados recompostos: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ/ Ed. FGV.
KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
LANGLOIS, C. & SEIGNOBOS, C. Introdução aos estudos históricos. São Paulo: Renascença, 1946.
LE GOFF, Jacques. História nova. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
LE GOFF, Jacques. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
LE GOFF, Jacques. História: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
MALERBA, Jurandir. Lições de história. Rio de Janeiro: FGV, 2010. 2v.
MARROU, Henri-I. Do conhecimento histórico. Lisboa: Aster, s.d.
MARX, Karl. Grundrisse. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
REIS, José Carlos. A história entre a filosofia e a ciência. São Paulo: Ática, 1992.
RÜSEN, Jörn. Razão histórica. Brasília: Ed. Unb, 2001
WHITE, Hayden. Trópicos do discurso. São Paulo: Edusp, 2002.

Disciplina: EPS13106 - Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação

Ementa

A relação entre a educação e seu contexto sócio-histórico-cultural: diferentes sociedades, diferentes educações e diferentes educações dentro da mesma sociedade. Gênese histórica e desenvolvimento do modelo hegemônico de escola no mundo e no Brasil. As diferentes correntes educacionais e seus fundamentos filosóficos: ontológicos, axiológicos, políticos, epistemológicos, gnosiológicos, estéticos. Teorizações funcionais, críticas e pós-críticas: diferenças e contradições.

Objetivos

Analisar aspectos relevantes da históricos e filosóficos da educação moderna e contemporânea percebendo a inter-relação entre educação, cultura, ciência, ética e conhecimento cotidiano.

Bibliografia Básica

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. Filosofia da Educação . 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
_____. História da Educação e da Pedagogia . 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação . São Paulo: Brasiliense, 2002.
CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia . 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.
GADOTTI, Moacir. História das Ideias Pedagógicas . São Paulo: Ática, 2003.

Bibliografia Complementar

ADORNO T. W. Educação e emancipação. In: _____. Educação e emancipação . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995
ADORNO, Theodor Wiesengrund. Lições de sociologia . Lisboa: Edições 70, 2004.
EAGLETON, Terry. As ilusões do pós-modernismo . São Paulo: Jorge Zahar, 1998
FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização . São Paulo: Jorge Zahar, 1997.
GAGNEBIN, Jeanne Marie. Sete aulas sobre linguagem, memória e história . Rio de Janeiro: Imago, 1997.
GALLO, Silvio. Filosofia do ensino de filosofia . Petrópolis; Vozes, 2003
HARVEY, David. Condição pós-moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

Disciplina: CSO06024 - SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Ementa

A abordagem sociológica no estudo dos problemas educacionais. Estudo analítico das principais correntes do pensamento sociológico-educacional. A sociologia da educação no Brasil. Os desafios à educação impostos pela contemporaneidade.

Objetivos

.Compreender os princípios das principais tradições teóricas da sociologia da educação;
Elaborar leituras mais criteriosas de obras clássicas e contemporâneas das ciências sociais que se dedicaram ao estudo da educação e da escola como instituições sociais;
Identificar os principais teóricos que se dedicaram ao entendimento da educação no contexto social brasileiro desde a década de 30, suas principais ideias e desafios teórico-metodológicos.

Bibliografia Básica

Boto, C. Na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica e gratuita: o relatório de Condorcet, Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 84, p. 735-762, 2003.
Adorno, T. W. Educação e emancipação. São Paulo, Paz e Terra. Capítulo 9, p. 169-186.
Durkheim, E. Educação e sociologia. In Fillo, J. Emile Durkheim (Coleção Educadores). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 39-66.

Bibliografia Complementar

ADORNO, T. W. Educação e emancipação. São Paulo, Paz e Terra. Capítulo 9, p. 169-186.
BERNARD, L. Diferenças ou desigualdades: que condições socio-históricas para a produção de capital cultural? Sociológico, n. 18, série II, 2008. p. 79-85.
BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In Bourdieu, P. Escritos de Educação. Petropolis, RJ: Vozes, 2007. p. 39-64.



- CANDAU, V. M. F. Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul.-set. 2012.
- DEWEY, D. A concepção democrática da educação. In Westbrook, R. B; Teixeira, A. John Dewey (Coleção Educadores). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 85-109.
- DINIZ, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008.
- FERNANDES, F. A formação política e o trabalho do professor? In Oliveira, M. M. Florestan Fernandes. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 119-140.
- FREIRE, P. Justificativa da pedagogia do oprimido. In. Freire, P. A pedagogia do oprimido. São Paulo, Paz e Terra, 1987. p. 16-32.
- GRAMSCI, A. Escritos políticos. In Monasta, A. Antonio Gramsci (Coleção os Educadores). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 51-69.
- HEGEL, F. Textos selecionados. In Pleines, J. Friedrich Hegel (Coleção os educadores). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 41-63.
- SILVÉRIO, V. R.; Trinidad, C. T. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo? *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 891-914, jul.-set. 2012.

Disciplina: HIS13107 - História da África

Ementa

Nas últimas décadas, o campo historiográfico da História da África se desenvolveu de forma evidente, principalmente depois da promulgação da lei n. 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História da África e cultura afro-brasileira nas instituições de ensino médio e fundamental no país. Em consonância com a emergência das pesquisas relacionadas à História da África no Brasil, a disciplina proposta visa oferecer uma visão geral da história do continente para os alunos de graduação. Para tanto, dividimos a cronologia da História da África em três grandes unidades, compreendendo as idades antiga e medieval, moderna e contemporânea. A intenção, aqui, é oferecer uma compreensão básica das estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais das diversas sociedades existentes no passado africano, assim como demonstrar sua relação íntima com a Europa, Ásia e América. Em termos gerais, enfocaremos, na disciplina ofertada, a primazia africana no processo de hominização de nossa espécie, o panorama africano antes do século XV e do início das grandes navegações europeias, o tráfico negreiro e suas consequências para a África, a expansão imperialista e a partilha do continente, os movimentos de descolonização e o modo como atualmente a África se insere no mundo.

Objetivos

1. Capacitar o aluno com noções básicas acerca da História do continente africano, perpassando diferentes épocas;
2. Habilitar o aluno com conhecimentos necessários sobre as diversas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais das diferentes sociedades africanas na história; Apresentar ao aluno questões atinentes à diáspora africana e à formação da cultura afro-brasileira, ao imperialismo europeu na África e aos processos de descolonização e inserção atual dos países africanos na política internacional.

Bibliografia Básica

- AJAYI, (Org.). África do século XIX à década de 1880. São Paulo: Cortes, 2011.
- ALENCASTRO, L. F. de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BAKOS, M. (Org.) Egiptomania, o Egito no Brasil. São Paulo: Paris, 2004.
- BAKOS, M. M. Fatos e mitos do antigo Egito. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BIRMINGHAM, D. A África Central até 1870. Luanda: ENDIPU/JEE, 1982.
- BITTENCOURT, M. Criação do MPLA. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 32, n.32, p. 185-208, 1997.
- BITTENCOURT, M. Da traficância à independência angolana. *Tempo Presença*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 340, p. 9-13, 2005.
- BLANC, M. Os herdeiros de Darwin. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- BRAIDWOOD, R. Homens pré-históricos. Brasília: Editora da UnB, 1988.

- BUSTAMANTE, R. M. da C. Práticas religiosas nas cidades romano-africanas: identidade e alteridade. *Phoínix*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 325-348, 1999.
- BUSTAMANTE, R. M. da C.; DAVIDSON, J.; MENDES, N. M. A experiência imperialista romana: teorias e práticas. *Tempo*, Niterói, v. 9, n. 18, p. 17-41, 2005.
- BUSTAMANTE, R. M. da C.; DAVIDSON, J.; MENDES, N. M. A experiência imperialista romana: teorias e práticas. *Tempo*, Niterói, v. 9, n. 18, p. 17-41, 2005.
- CAMPOS, A. P.; SILVA, G. V. Da África ao Brasil: itinerários históricos da cultura negra. Vitória: Flor e cultura, 2007.
- CHILDE, V. G. A evolução cultural do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- CHILDE, V. G. O que aconteceu na história. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- COSTA E SILVA, A. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- COSTA E SILVA, A. A manilha e o Libambo: a África e a escravidão, 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- FASI, M.; HRBEK, I. (Orgs.). África do século VII ao XI. São Paulo: Cortez, 2011.
- FOLEY, R. Os humanos antes da Humanidade: uma perspectiva evolucionista. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.
- FRAGOSO, João; et al. Nas rotas do Império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Vitória: EDUFES, 2014.
- HERNANDEZ, L. L. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- HEYWOOD, L. M. Diáspora negra no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.
- KI-ZERBO, J. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Cortes, 2011.
- LOVEJOY, P. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- M'BOKOLO, E. África negra: história e civilizações (Tombo I e II). Salvador: EDUFBA, 2011.
- MILLER, J. C. Poder político e parentesco: os antigos estados mbundu em Angola. Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995.
- MOKHTAR, G. (Org.). África antiga. São Paulo: Cortez, 2011.
- NEWITT, M. História de Moçambique. Sintra: Publicações Europa-América, 1997.
- NIANE, D. T. (Org.). África do século XII ao XVI. São Paulo: Cortes, 2011.
- OGOT, B. A. (Org.). África do século XVI ao XVIII. São Paulo: Cortes, 2011.
- SARAIVA, J. F. S. A África no século XXI: um ensaio acadêmico. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2015.
- SARAIVA, J. F. S. O Lugar da África: a dimensão atlântica da política exterior brasileira. Brasília: UnB, 1996.
- THORNTON, J. K. A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800). Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- VISENTINI, P. F.; RIBEIRO, L. D. T.; PEREIRA, A. D. História da África e dos africanos. São Paulo: Cortez, 2012.
- WESSELING, H. L. Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914). Rio de Janeiro: REVAN, 1998.

Bibliografia Complementar

- APPIAH, K. A. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. São Paulo: Contraponto, 1997.
- ARAÚJO, E. Escrito para a eternidade; a literatura no Egito faraônico. Brasília: Editora da UnB, 2000.
- BAKOS, M. M. & BARRIOS, A. M. O povo da esfinge. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- BAKOS, M. M. & POZZER, K. P. (Org.) III Jornada de Estudos do Oriente Antigo; línguas, escritas e imaginários. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. África do norte no império romano: representações musivas de identidade e alteridade. *Anais do XV encontro regional de história*, São Gonçalo, 2012. Disponível em: <www.encontro2012.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. Construção da história da África romana: historiografia “colonizada” x historiografia “descolonizada”. *História*, São Paulo, v. 17, p. 127-145, 1999.
- COQUERY-VIDROVITCH, C. A descoberta da África: lugar da História. Lisboa: Nova Fronteira, 2002.
- COSTA E SILVA, A. Francisco Félix de Souza: mercador de escravos. Rio de Janeiro: Nova



Fronteira, 2004.

COSTA E SILVA, A. Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, S. Da diáspora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HOURANI, A. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Cia. de Bolso, 2006.

LOPES, N. Dicionário da Antiguidade africana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MATTINGLY, D. J. Tripolitania. Michigan: University of Michigan, 1994.

OLIVER, R.; ATMORE, A. Medieval Africa (1250-1800). Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

PHILLIPSON, D. W. Foundations of an African civilization: Aksum and the northern horn. Oxford: Oxford University Press, 2012.

RAVEN, S. Rome in Africa. London and New York: Routledge, 1993.

VISENTINI, P. R. F. As relações internacionais da Ásia e da África. Petrópolis: Vozes, 2007.

VISENTINI, P. R. F. As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

VISENTINI, P.; RIBEIRO, L. D.; PEREIRA, A. D. História da África e dos africanos. Petrópolis: Vozes, 2014.

Disciplina: HIS13108 - Historia Medieval

Ementa

Estudo das estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas do mundo mediterrâneo entre os séculos V e XV de acordo com os seguintes aspectos: a) políticos. Os reinos bárbaros, o Império Carolíngio, a descentralização feudal; b) econômicas. Emergência e dissolução do modo de produção feudal; c) sociais. A divisão da sociedade em ordens. d) religiosos. A Igreja e o ideal da teocracia pontifícia. Minorias e heresias. e) Perspectivas historiográficas acerca da História da Idade Média. f) Outros: 1) Islã - origens e expansão; 2) Arte, Cultura e filosofia.

Objetivos

Adquirir de noções básicas sobre o período e relacioná-las com o tempo e o espaço.

Compreender as relações do medievo com a Antiguidade clássica e com a modernidade, percebendo as permanências e as continuidades, as mutações e as evoluções, num nível razoável.

Redimensionar a percepção historiográfica que localiza o medievo como era das trevas.

Bibliografia Básica

LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Lisboa: Estampa, 1983-1984. 2 v (2. ed. - Lisboa: Editorial Estampa, 1995. 2 v.+ São Paulo: EDUSC, 2005.) Localização na BC UFES - 940.1 L516c

DUBY, Georges; LACLOTTE, Michel. História artística da Europa. 2. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2002. 2 v. Localização na BC UFES 7(4)(091) H673

História da vida privada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989-1992. v. 1 e 2. Localização na BC UFES 392.3 H673

Bibliografia Complementar

FRANCO JÚNIOR, Hilário. O feudalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983/1984/1986/.

Número de chamada: 908 F825f (quatro edições)

LOYN, H. R. Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro: J. Zahar, c 1990/1991

Número de chamada: R 940.1(038) D546 (2 edições)

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário temático do ocidente medieval. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Número de chamada: R 940.1(038) G612d

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A idade media: nascimento do Ocidente. 2. ed. / 3.ed. / - São Paulo: Brasiliense, 1986/1988/2001

Número de chamada: 940 F825i (2.ed. e 3.ed.)

DELUMEAU, Jean. História do medo no ocidente (Versão 2: O medo no ocidente): 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989/1990.

Número de chamada: 930.85 D366h



RICHARDS, Jeffrey. Sexo desvio e danação: as minorias na idade média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Número de chamada na BC

CROUZET, Maurice.; PERROY, Edouard.; MOUSNIER, Roland; SCHNERB, Robert; LABROUSSE, Ernest.; AYMARD, Maurice; AUBOYER, Jeannine. História geral das civilizações. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1955-1958/ 1958/1961/1963/1967/1969/ 1993-1995/.

Número de chamada: 930.85 H673

Volumes dedicados a medieval (sexto, sétimo e oitavo)

A Idade Média: a expansão do Oriente e o nascimento da civilização Oriental : preeminência das civilizações Orientais - v.6

A Idade Média: o período da Europa Feudal, do Islã Turco e da Ásia Mongólica (Séculos XI-XIII) - v.7

A Idade Média: os tempos difíceis (fim) - v. 8

HEERS, Jacques. O ocidente nos séculos XIV e XV: aspectos econômicos e sociais. São Paulo: Pioneira: EDUSP, 1981.

Número de chamada: 930.85"13/14" H459o

BATISTA NETO, Jonatas. . História da baixa Idade Media (1066-1453). São Paulo: Ática, 1989.

Número de chamada: 940.1 B333h

Disciplina: HIS13109 - Metodologias da História

Ementa

Etapas da pesquisa em História; A construção do projeto de pesquisa; Técnicas de pesquisa (exemplos: análise do discurso, história oral, iconografia e quantificação).

Objetivos

Conhecer e praticar os procedimentos fundamentais para a comprovação empírica de hipóteses ou para responder a perguntas de pesquisa por meio de técnicas aplicadas de tratamento documental.

Bibliografia Básica

BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Trad. Vera M. X. Santos. Bauru (SP): EDUSC, 2004. Número de chamada da Biblioteca Central da UFES: 94(084) B959t.

CARDOSO, Ciro F. Narrativa, sentido, história. Campinas: Papyrus, 1997. Capítulos 1 e 2, p. 9-99. Número de chamada da Biblioteca Central da UFES: 800.1 C268n.

BOM MEIHY, José C. S. Manual de História Oral. São Paulo: Edições Loyola, 1996. Número de chamada da Biblioteca Central da UFES: 930 M512m 4.ed.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1987. Número de chamada da Biblioteca Central da UFES: 316.6 B743m.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val diChiana [Toscana: 29 de junho de 1944]: mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 103-130. Número de chamada da Biblioteca Central da UFES: 930.2 U86

Bibliografia Complementar

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Número de chamada da Biblioteca Central: 930.2 D352h.

GREIMAS, A. J. Análise do discurso em ciências sociais. São Paulo: Global, 1986. Número de chamada da Biblioteca Central: 3 G824a

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992. Número de chamada da Biblioteca Central: 398.5(81) M777h.



ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios & procedimentos. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013. Número de chamada da Biblioteca Central: 801 O71a 11.ed.

PANOFISKY, Erwin. Estudos de iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento. Lisboa: Estampa, 1986. Número de chamada da Biblioteca Central da UFES: 7.04 P195e.

MICHAUD, Philippe-Alain. Aby Warburg e a imagem em movimento. Rio de Janeiro: Contraponto, Museu de Arte do Rio, 2013. Número de chamada da Biblioteca Central da UFES: 7.072.3 M622a

Disciplina: HIS13110 - Prática e Pesquisa em Ensino de História Antiga e Medieval

Ementa

Articulação de conhecimentos teóricos e práticas com vistas à formação do professor da educação básica. Desenvolvimento de práticas de ensino-aprendizagem nas habilidades de produção, crítica e transmissão do conhecimento histórico no contexto do período da História Antiga e Medieval. Análise e/ou elaboração de materiais didáticos que expressem o ensino-aprendizagem neste período histórico.

Objetivos

- 1) Desenvolver prática/pesquisa do ensino-aprendizagem em espaços como: secretarias de educação, sindicatos, "agências educacionais não escolares", comunidades e laboratórios de ensino;
- 2) Elaborar e aplicar instrumentos de avaliação diagnóstica, planejamento e desenvolvimento de aulas, elaboração e aplicação de instrumentos de avaliação de aprendizagem, desenvolvimento, aplicação e avaliação de jogos, CD's e outros materiais curriculares (didáticos, paradidáticos), planejamento curricular - incluindo planejamento de ensino por projetos, planejamento de ensino - de unidades e aulas;

Bibliografia Básica

- ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia . Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ABREU, M.; SOIHET, R. (Org.). Ensino de História . Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos . 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BURKE, P. Testemunha ocular . Bauru: Edusc, 2004.
- CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Novos domínios da História . Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. de O. A tradição clássica e o Brasil . Brasília: Fortium, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos . 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FERRO, M. Cinema e História . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima E. História & Ensino de História . 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FUNARI, P. P. A.; GARRAFFONI, R. S. História Antiga na sala de aula. In: COLEÇÃO TEXTOS DIDÁTICOS, Campinas, 2004.
- GARRAFONI, R. S. Contribuições da Epigrafia para o estudo dos gladiadores romanos no início do Principado. História , v. 24, n. 1, p. 247- 261, 2005.
- GOUVÊA, Maria de Fátima Sabino (Org.). História da América: ensino, poder e identidade . Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- JULLIER, L.; MARIE, M. Lendo as imagens do cinema . São Paulo: Senac, 2009.
- MAGALHÃES, Marcelo et al. (Orgs.). Ensino de história: usos do passado, memória e mídia . Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- PINSKY, Jaime (Org.). O ensino de história e a criação do fato . São Paulo: Ed. Contexto, 1988.
- .PINSKY, J. 100 textos de História Antiga . São Paulo: Contexto, 2015.
- PIRES, F. M. (Org.). Antigos e modernos . São Paulo: Alameda, 2009.
- SILVA, G. V. da; GONÇALVES, A. T. M. Algumas reflexões sobre os conteúdos de História Antiga



nos livros didáticos brasileiros. *História e Ensino*, v. 7, p. 123- 141, 2001.
 VANOYE, F.; GOLIOT- LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papirus, 1994.

Bibliografia Complementar

- ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BITTENCOURT, Circe M. F.; IOKOI, Zilda Marcia Gricoli. *Educação na América Latina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1996.
- CADERNOS CEDES. *A prática do ensino de história*. São Paulo: Cortez, 1984.
- CARDOSO, C. F. *Sete olhares sobre a Antiguidade*. Brasília: UNB, 1994.
- CARDOSO, C. F. *Sociedades do antigo oriente próximo*. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, C. F. *Trabalho compulsório na Antiguidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984
- CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; FERNANDA GONZÁLEZ, María (comps.). *Enseñanza de la historia y memoria colectiva*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- CERRI, Luís Fernando. *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- DIAS, Maria de Fátima Sabino. *A Invenção da América na cultura escolar no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1997. Tese de doutorado.
- EMBLEMAS. Dossiê: Ensino de História. Catalão: UFG - Campus de Catalão; Editora São João, v.2, n.4, 2007.
- ESTUDOS HISTÓRICOS. Dossiê: Ensino de História e Historiografia. Rio de Janeiro: FGV, n.41, 2008.
- FERREIRA, R. *Entre o sagrado e o profano: o lugar social do professor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.
- FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: IBRASA, 1983.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *O livro didático de história no Brasil: a versão fabricada*. São Paulo: Global Ed, 1982.
- FUNARI, P. P. A. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FUNARI, P. P. A. *Antiguidade Clássica*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- GATTI JÚNIOR, Décio. *A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- GRILLO, J. G. C.; FUNARI, P. P. A. *Arqueologia Clássica*. Curitiba: Prismas, 2015.
- GUARINELLO, L. N. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HISTÓRIA & ENSINO: Revista do Laboratório de Ensino de História. Londrina: ersidade Estadual de Londrina, v.9, 2003.
- HISTÓRIA REVISTA. Dossiê: Ensino de História. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, v.14, n.1, 2009.
- KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- MALERBA, Jurandir. *A História da América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- MARFAN, Marilda Almeida. (Org.). *O ensino de História e Geografia no contexto do mercosul*. MEC, SEF, s/d.
- NAPOLITANO, M. *Como usar a televisão na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2001.
- NAPOLITANO, M. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- PADRÓS, Enrique Serra et al. (orgs.). *Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar*. Porto Alegre: EST, 2002.
- ROCHA, I. E. *1000 sites de História Antiga e Arqueologia*. São Paulo: Arte&Ciência, 1997.
- ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVA, G. V. da; LEITE, L. R.; SILVA, E. C. M. da; NETO, B. M. L. *Cotidiano e sociabilidades no Império Romano*. Vitória: GM, 2015.
- SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Bicalho; GOUVÊA, Maria de Fátima S. (Orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- TEMPO. Dossiê Ensino de História. Rio de Janeiro: Departamento de História da UFF, n.21,



2006.

Disciplina: ECO13111 - Introdução à Economia Política

Ementa

As origens do pensamento econômico. Mercantilismo. Fisiocracia. A economia política clássica. O pensamento econômico marxista. O pensamento econômico neoclássico. O pensamento econômico posterior ao pensamento Keynesiano.

Objetivos

Estudar os principais autores e escolas do pensamento econômico, do século XVI até os dias atuais, buscando relacionar as formulações teóricas com os preceitos filosóficos subjacentes em seus respectivos contextos históricos, fornecendo ao aluno um quadro geral desta ciência que auxilie na compreensão de debates contemporâneos, de forma que contribua para sua formação plural.

Bibliografia Básica

- DENIS, Henri. História do Pensamento Económico. Lisboa, Livros Horizonte, 1982.
HUNT, E. K. História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
KEYNES, John M. Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro (Os Economistas). São Paulo: Abril Cultural, 1983.
MARX, Karl. O Capital. Livro I,II e III. São Paulo: Editora Bertrand Brasil.
MILL, John S. Princípios de economia política. São Paulo: Abril Cultural, 2 vls., Coleção "Os economistas", 1983 [1848].
NAPOLEONI, C. Smith, Ricardo, Marx. São Paulo: Graal, 8 ed., 2000.
RICARDO, David. Princípios de economia política e tributação. São Paulo: Abril Cultural, Coleção "Os economistas", 1982 [1817].
SMITH, Adam. A riqueza das nações. São Paulo: Abril Cultural, 2 vls, Coleção "Os economistas", 1983 [1776].

Bibliografia Complementar

- COUTINHO, Maurício Chalfin. Lições de economia política clássica. São Paulo: Hucitec, 1993.



MALTHUS, Thomas R. Princípios de Economia Política. São Paulo: Abril Cultural, Colecao “Os economistas”, 1983 [1820].

MIGLIOLI, Jorge. Acumulação de Capital e Demanda Efetiva. T. A. Queiros - São Paulo: 1982.

POSSAS, Mario. A cheia do “mainstream”: comentário sobre os rumos da ciência econômica. Rev. Eco. Contemp., v. 1, nº 1. Rio de Janeiro: jan-jun, 1997.

SAY, Jean-Baptiste. Tratado de economia política. São Paulo: Abril Cultural, Coleção “Os economistas”, 1982 [1803].

Disciplina: EPS06025 - POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ementa

A configuração histórica do Estado Brasileiro. A função social da educação e definição da política educacional. Estado e planejamento educacional: centralização/descentralização, público/privado e quantidade/qualidade. Organização, financiamento, gestão e avaliação da Educação Básica. Política de formação de professores no Brasil. Política educacional no Espírito Santo.

Objetivos

Geral: Analisar as políticas de Educação Básica no Brasil e no Espírito Santo, relacionando-as aos conceitos de Estado, política, sociedade e educação.

Específicos:

Conhecer a gênese do Estado, em seus aspectos históricos, segundo o liberalismo e o marxismo;

Identificar a configuração do Estado no Brasil, e suas relações com a democracia e a política educacional no Brasil de hoje;

Problematizar as reformas educacionais da década de 1990, considerando os processos de globalização e crise do Estado-nação;

Compreender o sistema educacional brasileiro em sua organização e funcionamento, relacionando-o às teorias do Estado.

Bibliografia Básica

BEHRING, E. R. Capitalismo, liberalismo e origens. In: Política Social: fundamentos e história. 6ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca Básica de Serviço Social).

CIAVATTA, M. A; RAMOS, M. A “era das Diretrizes”: a disputa do projeto de educação pelos mais pobres. Revista Brasileira de Educação. v. 17 n. 49 jan.-abr. 2012.

CHAUÍ, Marilena Público, Privado e Despotismo In: NOVAIS, Adauto (org) Ética. Companhia das letras, 2002.

CURY, J. Estado e políticas de financiamento em educação. Educação e Sociedade. Campinas, SP. V.28, n. 100 - especial. p. 831 - 855, out. 2007.

FERREIRA, E. B. (Org.); FONSECA, Marília (Org.). Política e planejamento educacional no Brasil do século XXI. Brasília: Liber Livros, 2013, p. 57-83.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - LEI 9.394/1996.

SILVA, M. A.; CUNHA, C. da. (orgs.) Educação Básica: políticas, avanços e pendências. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. (Coleção Políticas Públicas de Educação).

Bibliografia Complementar

PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO

Atendendo o que dispõe a Constituição Federal, acerca da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, de acordo com o artigo do CF1998, assim como também a Lei nº 9.394/1996, que no seu capítulo IV estabelece que uma das finalidades da educação superior é "promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição", bem como o documento do Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras "Política Nacional de Extensão

Universitária", Resolução CEPE/UFES Nº 46/2014 e a Instrução Normativa nº 02/2016 PROEX/UFES, este PPC proporciona condições para que o estudante de História possa se iniciar na aprendizagem para o exercício da pesquisa e a incorpore como recurso necessário à apreensão das peculiaridades inerentes aos fatos históricos e, por conseguinte, complemento o processo de aprendizagem. Assim sendo, disciplinas como Teoria e Metodologia da História, entre outras, proporcionam conhecimentos basilares, não só acerca da pesquisa em si, como também acerca dos instrumentos teóricos e metodológicos para sua realização.

De um modo geral, as diversas disciplinas da grade curricular também consideram a busca do conhecimento autônomo como elemento central e incentivo para que os estudantes incorporem o hábito como parte do aprendizado no curso de Licenciatura em História.

Do quadro dos professores do Departamento de História, quase todos os professores têm projetos cadastrados junto à PRPPG e organizam por meio de seus laboratórios eventos regulares anuais. Assim, os estudantes do curso de Licenciatura de História dispõem de oportunidades para participarem de programas de Iniciação Científica, seja como bolsistas, através do PIBIC, seja como voluntários, através do PIVIC, ambos com duração de quatro semestres. Mais de 50 estudantes de história fazem IC.

É neste mesmo sentido que se inserem as disciplinas próprias para elaboração de trabalho de conclusão de curso, nomeadas como Monografias, para as quais os estudantes devem corresponder com a concepção, planejamento e execução de um trabalho de mais sistematizado, acerca de determinado tema de sua preferência, para o que contará com a devida orientação de docente mais identificado com a referida temática. Conclui-se, assim, com um produto síntese demonstrativo acerca da apreensão dos recursos teóricos e metodológicos pertinentes à História.

Outra característica importante refere-se à concepção interdisciplinar da matriz curricular do Curso de Licenciatura em História, que exige o concurso de professores de áreas afins do conhecimento científico. Assim, os Departamentos de Geografia, Filosofia, Economia, Ciências Sociais, bem como os Departamentos do Centro de Educação contribuem com o Departamento de História para a formação do Licenciado em História. Os Departamentos supracitados são, em sua quase totalidade, compostos por professores doutores, os quais trabalham na graduação e na pós-graduação e, em sua maioria, executam projetos de pesquisa registrados junto aos programas de pós-graduação da UFES, os quais também proporcionam possibilidades de incorporação de estudantes de graduação em atividades de iniciação científica.

Para atender a Constituição Federal e o PNE, em sua estratégia 12.7 da meta 12, a qual estabelece que entre 2014 e 2024 a Universidade deve assegurar que um total de 10% dos créditos curriculares exigidos para a graduação seja realizados em programas e projetos de extensão, o curso de Licenciatura em História da UFES estabeleceu, neste PPC, que parte das 200 horas das atividades complementares sejam atribuídas às práticas de extensão.

Assim, ao estudante de História será possibilitada a realização de uma quantidade de 100 horas em atividades como: organização e monitoria em eventos acadêmicos, tais como congressos, simpósios, seminários, encontros, semanas de história que fazem parte regular do calendário acadêmico do curso ou, alternativamente, também realizar atividades como palestrante na apresentação de trabalhos de iniciação científica.

Outras possibilidades de atividades de extensão, para cumprimento das 100 horas, compreendem a atuação em programas como o PIBID, bem como exercício de atividades em estágios não obrigatórios em ambientes como museus, arquivos públicos ou privados, onde realizam atividades de atendimento ao público no âmbito da informação histórica. Estas 100 serão um requisito para a integralização curricular.



Outra modalidade de extensão apresentada pelo PPC são quatro disciplinas denominadas Prática e Pesquisa em Ensino de História, que contemplam as práticas como componente curricular, em cujas disciplinas os estudantes exercitarão o saber/fazer em espaços externos à Universidade, como escolas, sindicatos, museus, entre outros, levando sua experiência acadêmica para a comunidade em geral.

AUTO AVALIAÇÃO DO CURSO

É de fundamental importância incluir como parte integrante da proposta curricular do Curso de História uma estrutura que garanta uma avaliação institucional de sua implementação e desenvolvimento. Compete ao Colegiado do Curso de História a iniciativa de conceber a instituição de uma Comissão Permanente de Avaliação, com representação de docentes envolvidos na execução do Curso de História, incluindo também a representação estudantil. Esta comissão deve preparar os instrumentos avaliativos do curso, de acordo com as exigências institucionais da Universidade e com as necessidades identificadas pela comissão. Os dados levantados devem ser organizados e servir como base para diagnósticos periódicos do funcionamento do curso. Problemas levantados devem ser discutidos com todos os docentes envolvidos em conjunto com a representação estudantil, e as propostas de aprimoramento devem ser implementadas e acompanhadas pela comissão. Os critérios avaliativos a serem utilizados deverão constituir-se num processo de aperfeiçoamento contínuo e de crescimento qualitativo, devendo pautar-se: pela coerência das atividades quanto à concepção e aos objetivos do projeto pedagógico e quanto ao perfil do profissional formado pelo curso de História; pela validação das atividades acadêmicas por colegiados competentes; pela orientação acadêmica individualizada com base em avaliações do corpo docente e discente e avaliações das metodologias de ensino utilizadas; pela adoção de instrumentos variados de avaliação interna incluindo a avaliação das disciplinas e a avaliação do aproveitamento de aprendizagem pelos alunos; pela aceitação do profissional no mercado de trabalho e na comunidade acadêmica; pela relevância e aceitação do curso na sociedade; pela disposição permanente de participar de avaliação externa. Outrossim, cumpre notar que o acompanhamento e diagnóstico do curso de História deverão ser realizados em conformidade com a auto-avaliação institucional regulamentada pela UFES.

O Curso de História está inserido na Comissão Própria de Avaliação do CCHN (CPAC-CCHN) no que se refere à avaliação institucional de modo amplo no âmbito do Centro, conforme as atribuições constantes na Resolução 49/2016 do CEPE-Ufes. Ao Núcleo Docente Estruturante do Curso, cabe: contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso e zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo; indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do campo de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso; zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais da Graduação em Geografia, nas modalidades Licenciatura e Bacharelado; acompanhar, avaliar e atualizar periodicamente os Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) considerando as avaliações da Comissão Própria de Avaliação (CPA) e Comissão Própria de Avaliação do Centro de Ensino (CPAC); sugerir providências de ordem didática, científica e administrativa necessárias ao desenvolvimento das atividades do Curso; zelar pela regularidade e qualidade do ensino ministrado pelo Curso.

Este novo PPC é em boa medida fruto das avaliações ocorridas anteriormente que constataram possibilidades de aperfeiçoar o funcionamento da Licenciatura em História, como, por exemplo, uma grade curricular que evitasse disciplinas fora dos horários dos turnos vespertino e noturno, daí que ampliamos a periodização de oito para nove períodos, ofertando as disciplinas, principalmente os Estágios e as PCC, dentro do horário destes turnos.

Assim como também disciplinas que atendessem aspirações antigas dos estudantes de história para conhecer mais a história das sociedades asiáticas, aspiração que foi contemplada na nova disciplina de História da Ásia.

ACOMPANHAMENTO E APOIO AO ESTUDANTE

No âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo, o acompanhamento e apoio aos estudantes são realizados pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (PROAECI), criada pela Resolução nº 09 do Conselho Universitário da UFES em 10/04/2014, e que tem por atribuições, entre outras, a execução das políticas de reserva de vagas (sistema de cotas), de assistência estudantil, de inclusão de estudantes portadores de deficiências, implementação das políticas relativas à garantia dos Direitos Humanos, objetivando a ampliação do acesso e o fortalecimento da permanência nos cursos de graduação da UFES. A PROAECI tem sua administração distribuída em três departamentos: o Departamento de Assistência Estudantil, o Departamento de Projetos e Acompanhamento ao Estudante e o Departamento de Cidadania e Direitos Humanos.

Aos Colegiados dos Cursos compete, dentre outros, o acompanhamento da integralização, regulamentada pela Resolução 38/2016 do CEPE-Ufes e pela Instrução Normativa 02/2017 da Prograd-Ufes. Este acompanhamento é feito de modo sistemático por meio dos Planos de Acompanhamento de Estudos (feito após diagnóstico da carga horária vencida pelo estudante, existência de reprovações em uma mesma disciplina ou abandono do semestre, enquanto este estiver no tempo de integralização curricular), e por meio dos Planos de Integralização Curricular (situação em que o estudante ultrapassou o prazo ideal de integralização curricular e firma Termo de Compromisso de Integralização Curricular).

No âmbito específico do Colegiado do Curso de História, além da realização das ações institucionais supracitadas, são utilizadas as ferramentas institucionais de comunicação (Portal), são realizados plantões de atendimento sob agendamento em horários que contemplam os diferentes turnos, e são convocadas, também por intermédio do Portal, reuniões sobre temas específicos para grupos específicos, quando necessário.

O Colegiado do Curso tem recebido estudantes com necessidades especiais e com a colaboração da PROAECI tem buscado apoiá-los para que suas dificuldades não impeçam a sua plena integração no curso.

ACOMPANHAMENTO DO EGRESSO

No âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo, o acompanhamento dos formados é realizado por meio do Programa de Acompanhamento de Estudantes Egressos (PAEEG), implantado em 2013, que tem por objetivos: o fortalecimento dos Cursos de Graduação; o conhecimento da opinião dos estudantes egressos acerca da formação profissional e cidadã recebida; a promoção de ações que levem à manutenção da vinculação desse grupo de estudantes à Universidade e o atendimento das novas exigências trazidas pelo MEC, com relação à Avaliação Institucional.

Com este programa busca-se a criação de um canal de comunicação com o estudante egresso, de modo a se obter informações sobre seu ingresso no mundo do trabalho, sua visão sobre a formação que recebeu na Universidade e suas opiniões para a melhoria da qualidade do seu Curso de Graduação. A Instituição entra em contato com o egresso e este, ao aceitar participar do programa, fornece as informações e como contrapartida recebe informações sobre eventos, oportunidades de colocação profissional, cursos e outras atividades que sejam interessantes para eles.

A realização de eventos acadêmicos - O Departamento de História da UFES, em parceria com a ANPUH-ES, mantém a tradição de realizar a cada ano um encontro de caráter acadêmico. Tal atividade constitui um importante fórum para o aprimoramento da produção científica na área de História, possibilitando aos professores e estudantes, tanto de graduação quanto de pós-graduação, a divulgação de seus trabalhos concluídos ou em andamento, ao mesmo tempo em que coloca a comunidade universitária em contato com pesquisadores de outras instituições. Atualmente, o Simpósio de História do Departamento, realizado nos anos ímpares, se encontra na sua 16ª edição, tendo o evento se tornado internacional em 2007 mediante um convênio firmado com a Université de Paris-Est. Já o Encontro Regional da ANPUH, realizado nos anos pares, se encontra na sua 6ª edição.

A integração da Graduação com a Pós-Graduação - O Departamento de História da UFES oferta regularmente, desde 1995, cursos de pós-graduação lato sensu, especialmente nas áreas de História Social e História Política, como mais uma alternativa de aperfeiçoamento profissional ao aluno egresso da graduação. Até o momento, já foram ministradas dez versões de cursos dessa natureza, com a capacitação de mais de 300 alunos. O curso de pós-graduação Stricto Sensu, nível mestrado, por sua vez, foi implantado em 2003, tendo como área de concentração a História Social das Relações Políticas. Desde então, o curso vem recebendo, de modo crescente, alunos oriundos da graduação em História da UFES. Cumpre assinalar que a implantação dos cursos de pós-graduação lato e stricto sensu tem produzido um impacto altamente positivo sobre os graduandos, que encaram tanto as atividades de Iniciação Científica quanto o trabalho de conclusão de curso como uma excelente oportunidade para começarem a se familiarizar com a investigação científica e com as áreas de especialização.



NORMAS PARA ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E NÃO OBRIGATÓRIO



NORMAS PARA ATIVIDADES COMPLEMENTARES



NORMAS PARA LABORATÓRIOS DE FORMAÇÃO GERAL E ESPECÍFICA



NORMAS PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



ADMINISTRAÇÃO ACADÊMICA

Coordenação do Curso

Colegiado do Curso

Núcleo Docente Estruturante (NDE)



CORPO DOCENTE

Perfil Docente

Formação Continuada dos Docentes



INFRAESTRUTURA

Instalações Gerais do Campus

Instalações Gerais do Centro

Acessibilidade para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais

Instalações Requeridas para o Curso

Biblioteca e Acervo Geral e Específico

Laboratórios de Formação Geral

Laboratórios de Formação Específica



OBSERVAÇÕES



REFERÊNCIAS